

ENSAIO

Educação em Código Aberto: impactos na formação humana e profissional

Open code education: impacts on human and professional formation

Fabiane Franciscone* Cleber Gibbon Ratto**

Informações do ensaio

Recebido em: 18/10/2017

Aprovado em: 31/07/2018

Palavras-chave

Educação continuada.
Abundância. Diálogo.
Humanização.

Keywords:

Continuing education.
Abundance.
Dialogue.
Humanization.

Autores

* Doutoranda em Educação pela Unilasalle
e-mail: fabianefranciscone@gmail.com

** Doutor em Educação pela PUCRS
e-mail: cleber.ratto@unilasalle.edu.br

Como citar este artigo:

FRANCISCONE, F.; RATTO, C. G. Educação em Código Aberto: impactos na formação humana e profissional. *Competência*, Porto Alegre, v. 11, n. 1, Jul. 2018.

Resumo

Este ensaio tem a finalidade de contribuir para a reflexão sobre a abundância de possibilidades que os profissionais têm para investir na ampliação de sua consciência, mediante educação continuada que contribua para a inteireza do ser. Coloca em questão as possibilidades de uma “Educação em Código Aberto”, concebida como forma de abertura dialógica e hermenêutica, condição para os processos de humanização, finalidade última dos processos educativos e horizonte promissor para a formação profissional diante dos desafios contemporâneos.

Abstract

This essay aims to contribute to the reflection on the abundance of possibilities that professionals can have to invest in the expansion of their consciousness, through continuing education that contributes to the wholeness of being. It calls into question the possibilities of an “Open Code Education”, conceived as a form of dialogical and hermeneutic openness, a condition for the processes of humanization, the ultimate goal of educational processes and a promising horizon for professional formation in the face of contemporary challenges.

Neste século, estamos vivendo os impactos da revolução digital, que interfere diretamente sobre nossos costumes e formas de convivência. No entanto, há quem diga que já estamos na era pós-digital, na qual a abundância e a escassez de generosidade, trabalho, amor e humanização coexistem. Ecoa, nesse cenário, o som de um discurso proferindo que a civilização tem em suas mãos um mundo de possibilidades e oportunidades, e que a vida de cada um é resultado de suas escolhas e decisões. Da mesma forma, o avanço tecnológico, a nanotecnologia, a inteligência artificial e a internet têm contribuído para facilitar a vida das pessoas, representando, ao mesmo tempo, riscos significativos para a integridade humana e planetária.

A velocidade das mudanças e os avanços tecnológicos não geraram apenas benefícios, mas também têm provocado nas pessoas uma confusão de sentimentos que se sobrepõem ao medo, à angústia, à euforia, ao pânico, à raiva e ao entusiasmo. Esses sentimentos difusos provocados pela fluidez da contemporaneidade, segundo Bauman (2010), não permitem que o homem entenda ou reflita sobre o que se passa e o que acontece de fato com ele. Essa situação é estimulada pela “sociedade capitalista que oferece um modo de ser que aposta na humanização pelo consumo na busca de saciar ‘todos’ os desejos humanos que possam ser mediados pelo mercado e suas mercadorias”. Essa dinâmica é uma “[...] agressão ao homem ‘excessivamente’ consciente, que, na tentativa de proteger-se de tamanha excitação pelas constantes novidades, acaba desprovido de força para a atividade narrativa que requer, antes de tudo, imaginação e memória” (COELHO, 2012, p. 9).

Contribui, também, para esse cenário de impacto na formação dos profissionais, o surgimento de novas profissões e carreiras, assim como a mudança na gestão das organizações, que estão passando de centralizadas para um modelo de gestão distribuída, livre, autogerida e com tecnologias exponenciais. Segundo Venter (2017), da Universidade de San Diego e responsável por ter sequenciado o genoma humano, “as tecnologias exponenciais vão nos permitir saltos maiores em duas décadas do que tivemos nos últimos 200 anos”. Essas tecnologias exponenciais tornam abundante e gratuito o que antes era escasso e caro. Nesse sentido, compreendemos como abundante o acesso à informação, a produção de conhecimento, a interação e o engajamento das pessoas em projetos colaborativos disponíveis na web.

No entanto, essa abundância nem sempre é percebida por todas as pessoas, pois enxergamos o mundo a partir de nossas crenças e concepções, muitas vezes limitantes. Alguns só enxergam o mundo com sua escassez, como a falta de comida, dinheiro e trabalho, sem condições de perceber a abundância de oportunidades. Entretanto, é possível uma mudança de modelo de compreensão. Acreditamos que o caminho para a mudança é a ampliação da consciência humana e profissional, mediante experiências edu-

cacionais em espaços formais ou informais. Compreendemos que a educação continuada é a premissa para a sua evolução e que em todos os momentos da vida pessoal e profissional é possível aprender algo diferente.

Por isso, não devemos rejeitar o diferente, o desconhecido e o contrário, mas sim buscar ler, conhecer, interagir para nos posicionarmos frente aos desafios da vida contemporânea. Atualmente, existem muitas formas de investir em educação continuada. Uma delas é utilizarmos a abundância disponível, como os cursos em universidades, artigos, palestras, vídeos na internet, sendo muitos deles gratuitos, inclusive. Todos podemos criar trilhas de aprendizagens a partir da composição de vários recursos disponíveis no mundo atual, marcado fortemente por interatividade e conexão constantes.

Destacamos como oportunidades de interação e como espaços de aprendizagens os sites, os blogs, os portais, a plataforma de distribuição digital de vídeos (Youtube) e os ambientes virtuais. A esse cenário de abundância de possibilidades de aprendizagem denominamos “Educação em Código Aberto”, que tem origem no *open source* (código aberto), criado nos anos 90, e que preza pela distribuição e edição livres de *softwares*, tendo como ideal a colaboração entre usuários e o acesso fácil e gratuito ao conhecimento. Nesse contexto, incluímos a palavra *educação* à frente do *código aberto* por entendermos que esses espaços permitem a interação dialógica entre as pessoas e a aprendizagem por meio dos textos, áudios e vídeos disponíveis gratuitamente.

A Educação em Código Aberto tem como premissa o compartilhamento de ideias, projetos e metodologias, gratuitamente, sem espaço para a competitividade predatória, com vistas à colaboração, à experiência, à interação, ao diálogo e à aprendizagem entre as pessoas interessadas e envolvidas na busca do encontro com o outro, com o meio e consigo mesmas. Dessa modalidade de interação, resultam possibilidades de mútua compreensão, o que caracteriza o trabalho hermenêutico humano, que consiste em dar sentido às experiências a partir da interação, buscando compreender o horizonte de sentido daqueles com quem convivemos.

Para Flickinger,

“[...] querer compreender a experiência vivida exige de nós a disposição de aceitar o alheio, o outro, o desconhecido nele mesmo, isto é, na própria ameaça nele contida e aberta na constatação da distância intransponível, presente no encontro. Só assim, também, é a nós possível reconhecer na autenticidade que lhe é própria o que nos vem ao encontro. (FLICKINGER, 2000, p. 45)

Esse movimento de Educação em Código Aberto pode contribuir para a ampliação da consciência dos profissionais nas diferentes áreas, inspirando exponencialmente suas ideias, seus sonhos e projetos. Segundo Trevisol, a consciência é

“[...] um estado de espírito conhecedor, um olho que aprendeu a observar o que está além do que se vê, um ouvido que ouve o que está mais para lá dos sons, um entendimento que é capaz de interpretar além do que se compreende à primeira vista, enfim, aquela capacidade de sentir existencialmente o que está acontecendo naquele exato momento e de compreender, no todo vivido até ali, o real significado do que está sendo percebido. (TREVISOL, 2003, p. 9)

Para isso, surge a educação como um trunfo indispensável à humanidade, em vista da construção dos ideais da paz, da liberdade e da justiça social, mas antes de tudo, como um olhar para si, para o autoconhecimento, uma parada para pensar, sentir e viver os desafios da vida com lucidez e intensidade.

Delors (1998) tem como crença o papel essencial da educação no desenvolvimento contínuo, tanto das pessoas como das sociedades. Para Trevisol (2003, p. 9), “[...] devemos educar para a profissão, a cidadania, a plenitude humana, para o indivíduo socialmente bem inserido, para a humanização e para a paz”.

O entendimento de Moraes (2004, p. 7) sobre educação é que “[...] todo processo de formação envolve um processo de transformação, vivenciado recursivamente ao longo da vida, revelando, a cada instante, uma capacidade única de auto-organização, de autorregulação dos próprios processos vitais.” O ser humano se encontra sempre em um *vir a ser*, admitindo que a qualidade de vida depende da qualidade do corpo, depende da saúde física, mental e espiritual, e do cuidado que a ela se dedica. Portanto, a educação é aqui considerada uma das formas de contribuir para ampliar a consciência que iluminará o desenvolvimento das diferentes dimensões do ser humano, tornando viável a civilização global.

Conforme a mesma autora já citada neste parágrafo, “[...] estamos não apenas iniciando um novo século, mas também querendo deixar para trás uma etapa da história da humanidade em que prevalece a separatividade, a violência, a desarmonia e o egoísmo nas relações humanas.” (MORAES, 2004, p. 308). Temos a esperança de que “[...] estamos caminhando para outro estágio da humanidade, no qual, em nossa visão mais otimista, poderá, quem sabe, predominar a consciência de integração, de interdependência e o reconhecimento dos processos de coevolução.” (MORAES, 2004, p. 308).

Nesse sentido, a perspectiva do “sonho pela humanização” não se reporta a um idealismo abstrato, mas a uma prática cotidiana de abertura ao *vir a ser*, como defendia o grande educador brasileiro Paulo Freire:

“O sonho pela humanização, cuja concretização é sempre processo, e sempre devir, passa pela ruptura das amarras reais, concretas, de ordem econômica, política, social, ideológica etc., que nos estão condenando à desumanização. O sonho é assim uma exigência ou uma condição que se vem fazendo permanente na história que fazemos e que nos faz e refaz. (FREIRE, 2015, p. 137)

Entretanto, temos consciência de que o momento atual requer a reforma do pensamento humano, como possível atitude, a partir do repensar da educação com base em novos paradigmas. Durante o percurso de vinte séculos, a educação esteve presente, assumindo várias significações. No entanto, com o passar do tempo foram surgindo novos estudos que contribuíram para alargar o conceito de educação como sendo um processo. Esse processo, além de individual, por tratar-se da construção de si por si, como nos diz Charlot (2000), é coletivo porque se constrói na relação e é permanentemente contínuo, correspondendo à noção de inacabamento e de incompletude do ser humano em seu constante *vir a ser*.

É importante lembrarmos que todos somos seres humanos e que, segundo Furter (1974), estamos em constante *vir a ser* alguém melhor. Para isso, é fundamental que cada pessoa invista em educação continuada na busca de atualização e ampliação da consciência, mediante experiências educativas que contribuam para a inteireza do ser.

Nesse sentido, cabe resgatar o entendimento do que é educação continuada e que no decorrer dos séculos esteve presente o antagonismo de conceito. Num primeiro momento, surgiu como processo de desenvolvimento individual e de responsabilidade do próprio indivíduo: iniciando na infância e podendo durar a vida inteira. Em um segundo momento, fica a cargo do sujeito o interesse em continuar a sua formação. Em outra fase, o aperfeiçoamento do indivíduo, deixou de ter caráter particular e passou a ser promovido pelas empresas com o objetivo de manter seus profissionais atualizados, revertendo em produção e melhores resultados.

Nos documentos da década de 70 fica evidente a acomodação do entendimento de educação continuada aos objetivos da economia e às pressões tecnocráticas, assim expressadas como “[...] o meio de adquirir novas qualificações e novos conhecimentos durante a vida profissional, segundo as aspirações pessoais e tendo em conta os objetivos da economia.” (COLLET, 1976, p. 22). Por fim, Gadotti (1974; HARTUNG, 1966 apud COLLET, 1976, p. 23), fundador do Institut des Sciences et Techniques Humaines, afirma que “opõem a conformidade dos objetivos individuais às metas econômicas”. Ambos, Gadotti e Collet, têm a compreensão de que a

“Educação Permanente que não chegar a formar um homem mais humano, cômico de sua liberdade, que olha com amor seu próximo, trairia sua finalidade mais profunda e não constituiria senão uma sociedade de alta rentabilidade, mas vazia de diálogo, de participação e de calor humano. (GADOTTI, 1974 apud COLLET, 1976, p. 23).

Percebe-se que essas reflexões e os interesses são os mesmos apresentados no século XXI. O que tem modificado ao longo dos anos é a terminologia, pois já foi chamada de Educação Permanente, Educação em Serviço, Formação Continuada, Educação ao Longo da Vida e Educação Continuada. Feitas essas considerações, julgamos fundamental investigar sobre as razões pelas quais as pessoas investem em educação continuada, quais são os conceitos constituídos sobre ela e as possibilidades de sua contribuição, no sentido de responder às inquietações e exigências de inteireza dos seres humanos.

Nesse sentido, destacamos os resultados da dissertação de mestrado em Educação de Fabiane Franciscone (2006), intitulada *Educação Continuada: um olhar para além do espelho, iluminando mente, corpo, coração e espírito do docente da educação superior*. Destacamos como resultado dessa pesquisa que uma das inquietações que afligem a civilização hoje é a falta de harmonia entre a vida profissional e pessoal, gerada pela ausência de sentido e de significado de vida. “O grande desafio do século XXI é a mudança do sistema de valores que está por trás da economia global, de modo a torná-lo compatível com as exigências da dignidade humana e da sustentabilidade ecológica” (CAPRA; STEINDL-RAST; MATUS, 2003, p. 268).

Na busca dessa sustentabilidade ecológica, referenciamos os estudos de Wilber (2003) e outros autores, como Catanante (2000), Yus (2002), Wolman (2001), Zohar e Marshall (2002), e Moraes (2004), que propõem e privilegiam o desenvolvimento de um ser integral. O termo “integral” não tem sentido de uniformidade e completude, nem relação com a tentativa de eliminar as extraordinárias diferenças, mas significa a unidade na diversidade e compartilha atributos comuns. Wilber (2003) conceitua “integral” como a ação de reconciliar, juntar as partes, integrar, unir.

Para o autor, o pensamento integral passa pela concepção e ampliação da consciência humana ao considerar e entender o ser humano em suas diferentes dimensões: corpo, mente, coração e espírito, tecidas no equilíbrio da inseparabilidade de suas interações e inter-relações. Nesse sentido, ficou evidente no resultado da pesquisa com os docentes da educação superior que existe um desequilíbrio na formação de sua inteireza do ser. A pesquisa teve como interesse conhecer o tipo de educação continuada que esses docentes investiam e se estavam relacionada a todas as diferentes dimensões humanas: eu individual (autoconhecimento, corpo, emocional), eu relacional (família, amigos, lazer), eu profissional (trabalho, salário, colegas) e eu espiritual (sentido e significado da vida).

O resultado demonstrou que o maior investimento de educação continuada está no seu “eu profissional” e pouco investimento em alguma das dimensões constitutivas do Ser. Destacam-se as questões do “eu individual” (emocional), relacional e espiritual. Todavia, há a explicitação de que o momento é de repensar a vida para

melhor viver ou dar um novo sentido e significado a ela. Com a chegada da maturidade, ou da melhor idade, as pessoas repensam sua vida, avaliando o que já viveram e planejando os próximos anos. Alguns estão em uma fase da vida na qual buscam “tirar o foco” do profissional e investir nas demais dimensões. Pensar na aposentadoria conduz à avaliação e à reflexão sobre os outros “eus”.

Existe a pretensão de dedicar maior atenção à dimensão dos relacionamentos, uma vez que há pouco tempo para o lazer e a família. Para os entrevistados, a maior contribuição do investimento em educação continuada nas dimensões individual, relacional e espiritual é o retorno pessoal de sentir-se bem consigo mesmo e com os outros. É a sensação de bem-estar e de ser mais completo como pessoa. Também podemos destacar a pouca incidência do “eu” espiritual, que encontra respaldo na pesquisa feita por Wilbert (2003), quando o autor nos diz termos apenas 2% da população mundial em um nível de consciência do ser.

Como nos questiona Hawley (1995), no sofrimento e nas perdas, estaria um dos alertas para nos voltarmos para o “eu” espiritual (sentido e significado da vida)?

Todos esses conceitos valorizam a formação integral do profissional, o viver e conviver com os seus semelhantes, num movimento no qual o sujeito constrói a sua história aproveitando-se de todas as oportunidades formais e informais de educação continuada. Não podemos perder aquilo que nos faz humanos, ou seja, a capacidade de refletir, dialogar e cuidar, reconhecendo nossa incompletude.

No entanto, isso ocorrerá quando os profissionais compreenderem a importância do cuidado como sendo

“ [...] a dimensão existencial da ação assumida pelo ser humano para, consciente de sua temporalidade e historicidade, se formar a si mesmo por meio da postura dialógico-compreensiva com os outros e com as coisas. Mas este formar-se a si mesmo só adquire sentido na medida em que o ser humano se descobre e se autocompreende como um ser incompleto que, enquanto tal, precisa buscar permanentemente sua completude, mesmo sabendo que jamais pode alcançá-la definitivamente. (DALBOSCO, 2006, p. 1131-1132)

Somos seres inacabados, suscetíveis ao erro, inseguros, com medos, angústias, mas em um movimento de vir a ser alguém melhor. Para que o sujeito não seja “engolido” pela demanda das lógicas produtivas, é recomendável que a pessoa tenha o cuidado de investir em educação continuada não somente para o intelecto/mente, mas também para o corpo, a sensibilidade, o afeto, evitando a fragmentação desse ser profissional.

Mais uma vez fica evidente que o mundo do trabalho tem como característica valorizar e investir priorizando a dimensão do ser humano que é o intelecto/mente e sua função produtiva, desconsiderando o corpo, o afeto e a sensibilidade, relegando essas dimensões a um segundo plano, desprovidas de valorização e cuidado. No entanto, de quem é a responsabilidade por esse cuidado? Quem deve ter a consciência de valorizar e investir em todas as dimensões? Trata-se de uma corresponsabilidade entre educandos e educadores.

Assim, é fundamental o profissional investir em educação continuada não apenas porque a sociedade é mutante e porque o homem necessita adaptar-se às novas maneiras de pensar, sentir e agir, mas, acima de tudo, para que a pessoa não perca sua “condição humana”.

Por fim, afirmamos que os impactos da abundância e da escassez do mundo em que vivemos permanecerão influenciando diretamente a vida das pessoas. Para isso, precisamos ter esperança dentro de nós e acreditar em um mundo mais humano e cooperativo. Compreendemos que um dos caminhos para essa mudança ocorrer é a ampliação da consciência desse profissional, mediante educação continuada, visando à inteireza do ser e a perspectiva do cuidado como fundamento da vida humana. Em nossa caminhada pela vida, como aprendizes e mestres que somos, não podemos perder a esperança, conforme mencionada por Capra, Steindl-Rast e Matus (2003, p. 273), entendida “[...] não como a convicção de que as coisas vão dar certo, mas como a certeza de que as coisas têm sentido, como quer que venham a terminar”.

Educação em Código Aberto é, para nós, não apenas uma prática tecnológica digital, mas a aposta em práticas de interação dialógica e hermenêutica entre pessoas, sistemas, informações, tecnologias, formas de afetar e ser afetado pela multiplicidade do mundo, criando cooperativamente novas possibilidades de formação humana e profissional.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. *Capitalismo parasitário*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- CAPRA, Fritjof; STEINDL-RAST, David; MATUS, Thomas. *Pertencendo ao universo, explorações nas fronteiras da ciência e da espiritualidade*. São Paulo: Cultrix, 2003.
- CATANANTE, Bene. *A gestão do ser integral: como integrar alma, coração e razão no trabalho e na vida*. São Paulo: Infinito, 2000.
- CHARLOT, Bernard. *Da relação com o saber: elementos para uma teoria*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- COELHO, Allan da Silva. Superar a educação cúmplice da exclusão da juventude. *Revista Espaço Acadêmico*, v. 11, n. 129, 2012.
- COLLET, Heloisa Gouvêa. *Educação permanente e abordagem metodológica*. Rio de Janeiro: SESC, 1976.
- DALBOSCO, Cláudio Almir. *Incapacidade para o diálogo e agir pedagógico*. Passo Fundo: [s.n.], 2006.
- DELORS, Jacques. *Educação, um tesouro a descobrir*: relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. São Paulo: Unesco/MEC/Cortez, 1998.
- FLICKINGER, Hans-Georg. Da experiência da arte à hermenêutica filosófica. In: ALMEIDA, C. L. S. de; FLICKINGER, H. G.; ROHDEN, L. *Hermenêutica filosófica*: nas trilhas de Hans-Georg Gadamer. Porto Alegre: Edipucrs, 2000.
- FRANCISCONE, Fabiane. *Educação continuada: um olhar para além do espelho, iluminando mente, corpo, coração e espírito do docente da educação Superior*. 2006. 123 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, PUCRS, Porto Alegre, 2006.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 59. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- FURTER, Pierre. *Educação permanente e desenvolvimento cultural*. Petrópolis: Vozes, 1974.
- GADOTTI, Moacir. *A educação contra a educação*. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.
- GOULART, I. B. Educação permanente/educação continuada. *Presença Pedagógica*, Belo Horizonte, v. 3, n. 14, p. 81-84, mar./abr. 1977.

HAWLEY, Jack. *O redespertar espiritual no trabalho*: o poder do gerenciamento dinâmico. Rio de Janeiro: Record, 1995.

MANO, Cristiano. A Universidade (nada tradicional) que nasceu na garagem. *Revista Exame*. 2017. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/revista-exame/a-universidade-nada-tradicional-que-nasceu-na-garagem/>>. Acesso em: 20 set. 2017.

MORAES, Maria Cândida. *Pensamento eco-sistêmico, educação, aprendizagem e cidadania no século XXI*. Petrópolis: Vozes, 2004.

TREVISOL, Jorge. *O reencantamento humano*: processo de ampliação de consciência na educação. São Paulo: Paulinas, 2003.

VENTER, Craig. A era da inovação radical. *Revista Exame*, set. 2017.

WILBER, Ken. *Uma teoria de tudo*: uma visão integral para os negócios, a política, a ciência e a espiritualidade. São Paulo: Cultrix, 2003.

WOLMAN, Richard N. *Inteligência espiritual*: um método revolucionário para você avaliar e expandir seu nível de consciência e energia espiritual. São Paulo: Ediouro, 2001.

YUS, Rafael. *Educação integral uma educação holística para o século XXI*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

ZOHAR, Danah; MARSHALL, Ian. *Inteligência espiritual*: o “Q” que faz a diferença. Rio de Janeiro: Record, 2002.